

Aníbal: a figura do herói no anti-herói

Samara Barbosa Cabral*

SHERMANN, Sergio Fernandes Alois. *O perfil do herói nos Punica de Sílio Itálico*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. 86 p. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas.

Sergio Fernandes Alois Schermann possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997) e mestrado em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Antiga e Medieval.

A obra em comento aponta na criação de Sílio Itálico, *Punica*, sua pesquisa sobre a concepção ética do herói apresentada na *Eneida*, obra amplamente estudada e discutida. Aborda alguns dos conceitos que caracterizam o herói épico, como a *pietas*, a *gloria* e a *virtus* – cujas traduções podem se aproximar de “devoção”, “glória” e “coragem”, respectivamente – com ênfase nas transformações que tais conceitos sofreram nos *Punica* em relação ao uso na épica virgiliana. Mostra, também, especificidades do período flaviano¹.

O desenvolvimento da dissertação está dividido em duas partes: “Os *Punica* e o ambiente cultural flaviano” e “A moral heroica nos *Punica*”. Cada uma dessas partes é dividida em cinco tópicos.

O primeiro, da primeira seção, apresenta a queda de Sagunto contada por Sílio Itálico no poema. A partir desse tópico, Schermann (2004) apresenta aspectos que o épico assume sob o comando siliano. Sobre o gênero, o pesquisador afirma que “o sítio, a queda e a apoteose de Sagunto [são] um dos melhores exemplos de engrandecimento épico [...] e um dos pontos altos dos *Punica*” (SCHERMANN, 2004, p. 19).

Uma das características do herói virgiliano apresentadas acima é representada no segundo livro dos *Punica*, nos versos 524 e 525: “mas a casta Lealdade os afasta da culpa de profanar uma vida profanada e de conter a fome com os membros dos semelhantes”² (SCHERMANN, 2004, p. 15), o que mostra a *fides* romana entre os soldados que, mesmo famintos, não se alimentam da carne de seus companheiros mortos.

.....
1 * Resenha apresenta à disciplina eletiva Literatura Latina: Poesia - Poesia épica exemplar: as *Púnicas* de Sílio Itálico, do curso de Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, orientada por Me. Everton Natividade.

¹Período da segunda dinastia de imperadores do Império Romano, a flaviana, que durou de 69 a 96 e foi constituída por Vespasiano, Tito Flávio e Domiciano.

²Essa, bem como as demais traduções apresentadas na resenha, são de autoria do estudo em questão.

A deusa Juno, inimiga dos romanos, identificando a presença da *fides*, excita a crueldade de Tisífone e a envia para as muralhas, disseminando uma mentira que acaba funcionando e fazendo os soldados queimarem tudo que represente lealdade. Em sua segunda nota na página 15, Schermann (2004) atenta para a mudança de configuração também da erínia Tisífone, divindade infernal que faz parte da tríade nascida das gotas de sangue de Urano, cuja função é vingar crimes e proteger a ordem social, mas no poema aparece para incitar crimes e promover a convulsão social.

Schermann (2004) termina a primeira seção expondo a cisma que rodeia Sílio Itálico, alastrada por críticos que chegaram a propagar em referência ao autor do período flaviano o epíteto “símio de Virgílio”. Para suprir a necessidade de uma visão contrária, o pesquisador aborda o estudo de Michael von Albrecht (1964, apud SCHERMANN, 2004), filólogo alemão, cujo estudo consegue ver em Sílio Itálico mais que uma simples cópia da *Eneida* de Virgílio, valorizando a originalidade de seus versos.

O próximo ponto, “Vida e produção literária de Sílio Itálico”, traz, a princípio, as relações que se podem observar entre essas duas áreas, – vida e produção literária. Uma delas é como Sílio apresenta a filosofia estoica tanto em sua obra, quanto na sua morte, em 102, quando, acometido por um tumor incurável, resignou-se a morrer de fome.

Schermann (2004) apresenta a carta 3 do livro 7 de Plínio, o jovem, e expõe a frase que provavelmente desencadeou anos de desprezo ao trabalho do poeta estoico, levantando uma questão que Schermann (2004) afirma ter sido mal interpretada por todos os críticos que a leram desde o Império: “Ele escrevia poemas mais com cuidado do que com inspiração” (PLINE LE JEUNE, 1931, n.p., apud SCHERMANN, 2004, p. 23).³ Afirma também, com base em Delarue e Laudizi, que condenar o poeta “por essas palavras de Plínio representaria uma interpretação anacrônica do significado dos conceitos *ars* e *ingenium* como parâmetros de um juízo estético literário” (DELARUE, 1996, p. 151, e LAUDIZI, 1989, p. 20, apud SCHERMANN, p.24).

Os autores latinos naturalmente foram alterando com o tempo a relação entre habilidade técnica e inspiração; alguns valorizavam uma mais que a outra, e é a visão de Albrecht que indica que o juízo de Plínio não deve ser interpretado como negativo, “até porque não o condena pela ausência de *ingenium*, e sim porque este não prevalece em relação à *cura*” (ALBRECHT, 1964, p. 10, apud SCHERMANN, p. 24). Schermann (2004) julga a discussão das qualidades literárias de Sílio Itálico inútil e sem teor científico.

O próximo tópico, “A escolha do tema e a estrutura dos *Punica*”, aborda a discussão acerca da escolha de um fato histórico para a construção de um poema épico, ainda mais quando se leva em consideração

o caráter lendário dos *Punica* e como os dois aspectos, historicidade e imaginário, são mesclados. Schermann (2004) aponta também para a valorização do anti-herói Aníbal, bem como para a discrepância entre críticos sobre quem seria o verdadeiro herói do poema.

Há, entre os estudiosos, a teoria de que os *Punica* teriam dezoito e não dezessete cantos, tendo sido interrompidos pela morte do poeta. Schermann (2004) concorda com essa teoria e apresenta diversas divisões propostas por críticos, sendo mais inclinado a aceitar a de Delarue (1993): em três partes, seis cantos para a apresentação de Aníbal finalizando com valorização a Roma; seis cantos para diversos generais romanos, especialmente Fábio Máximo; e, por fim, cinco cantos tomados por Cipião (DELARUE, 1993, p. 152, apud SCHERMANN, p. 32-33).

No seguinte ponto, “Plano geral da epopeia”, o pesquisador resume e detalha cada um dos cantos, demonstrando, na estrutura do poema, a divisão entre os três personagens. Em seu estudo julga, também, que o primeiro canto, “mais do que um simples prólogo, é a prefiguração de todo o poema” (SCHERMANN, 2004, p. 34). Já na quinta e última parte dessa primeira metade da dissertação, “Os *Punica* e a ideologia imperial” trata do que influenciou a escolha de escrever um poema épico que não diz respeito só a Sílio Itálico, mas a todos os poetas da época flaviana: o gosto literário do período. De acordo com Citroni (1995), no século primeiro, a literatura tornou-se instrumento de prestígio social, o que possibilitou o crescimento do gênero.

A segunda metade, que se volta para a moral heroica, apresenta, em sua primeira seção, “A epopeia e a formação moral do jovem romano”, e trata da educação romana que estimulava o máximo respeito aos costumes preestabelecidos, consequentemente aos grandes autores latinos. Até então, interessava à educação de Roma os poetas que faziam sucesso. Depois do século primeiro, a educação começou a se basear em Quintiliano.⁴ De qualquer forma, a epopeia era a base moral da educação.

Traçados pelas epopeias anteriores, os valores éticos em que se baseiam as ações do herói siliano, *gloria*, *pietas*, *virtus* e outros, tornam necessário que o pesquisador faça algumas considerações a respeito do herói no poema, algo que Schermann (2004) explora no tópico seguinte, “Uma epopeia sem herói?”. Esse ponto levanta a questão da comparação entre personagem e paradigma, apontando definições como a de o personagem principal ser o herói, mas nos *Punica* ser inegável a importância de Aníbal, por exemplo, ainda que não seja o herói de fato.

“A busca da *gloria* nos *Punica*”, terceira subdivisão, dá detalhes de heróis de epopeias que buscam a glória, mas também de Eneias, aquele que deixa a *gloria* para ser a expressão máxima de *pietas*, que põe a missão acima do contentamento individual. Schermann (2004)

afirma que o herói de Sílio Itálico apresenta uma “fusão da tradição homérica, da influência vergiliana, do material liviano e da ética estoica” (SCHERMANN, 2004, p. 58). Os dois últimos pontos tratam da *pietas* e da *uirtus* nos *Punica*, mostrando exemplos cuidadosamente selecionados do poema de Sílio Itálico e teorias acerca deles.

O pesquisador apresenta grande arcabouço teórico, trazendo sempre para o seu texto uma boa quantidade de estudos e exemplos literários sobre o assunto em questão. Por vezes adota uma das visões depois de explicar todas, outras vezes deixa em aberto a discussão. Como faz a tradução de todos os textos necessários à sua pesquisa, demonstra largo conhecimento de diversas línguas. Faz uma boa análise dos pontos que propõe e exige o mínimo de entendimento sobre literatura latina ao tratar de conceitos como *uirtus*, *pietas* e *gloria* e poetas consagrados como Virgílio e Ovídio, mas também explica uma personagem mitológica, Tisífone, para embasar melhor suas observações sobre ela. É feliz em seu objetivo de apontar a importância da obra siliana e, além dela, toda a produção pós-*virgiliana* que foi rechaçada como cópia em detrimento dos clássicos.